

Amazônia conectada na tela

“Amazônia Doc” divulga relação de selecionados para festival que reúne produções de diversos países



Imagem do documentário “Marajó das Letras”, um dos paraenses selecionados para a categoria “Amazônia Legal” FOTO: NAILANA THIELY / DIVULGAÇÃO

Aline Rodrigues

cadernovoce@diarioonline.com.br

Dez longas e 20 médias e curtas-metragens integrarão o “Amazônia DOC - Festival Pan-Amazônico de Cinema 2019”, nas mostras competitivas “Pan-Amazônia” e “Amazônia Legal”. A relação foi divulgada após análise de 350 inscritos por

uma comissão formada por Manoel Leite, Felipe Pamplona, Marco Antônio Moreira e Carol Abreu. O festival será de 30 de maio a 7 de junho em Belém, com realizadores do Brasil, Colômbia, Peru, Equador e Bolívia.

“Huahua” do Equador, e os longas brasileiros “Não sei qual cidade se passa aos olhos dele”, “Rosa Venus” e “Lar” são alguns dos dez longas selecionados para a categoria “Pan-Amazônia”, que também abriga 11 médias e

curtas-metragens.

Na categoria “Amazônia Legal”, entre os nove selecionados, há os paraenses “Légua a nos separar”, com direção de Vitor Souza Lima; “Chamando os Ventos: Por uma Cartografia dos Assobios”, de Marcelo Rodrigues; “Camarada Alfredo”, de Marco André; “Marajó das Letras – Os Abriadores de Letras da Amazônia Marajoara”, de Fernanda Martins e Marcelo Rodrigues; “Noite Suja”, de Ally-

ter Fagundes; e “Amazônia Ocupada”, da cineasta Priscilla Brasil. Eles irão competir com duas produções do Acre e uma de Mato Grosso.

Os critérios de seleção usados pela comissão foram direção, montagem, fotografia, roteiro e inovação da linguagem. “Neste último ninguém precisava reinventar a história do cinema, mas ter uma marca minimamente autoral. O cineasta e autor precisa imprimir um sentimento, um recurso, uma marca

que, de alguma forma, diga que por trás daquele trabalho existe uma pessoa que não está pensando apenas num tema e, sim, numa linguagem na qual ele está se expressando. É um critério muito subjetivo, mas ao mesmo tempo claro para quem analisa as obras”, explica Felipe Pamplona, membro da comissão.

O festival é uma realização da Secretaria do Audiovisual e Secretaria Especial da Cultura, do Ministério

“

“O cineasta e autor precisa imprimir um sentimento, um recurso, uma marca”

Felipe Pamplona,
da comissão de seleção

da Cidadania, com produção da Z Filmes e Instituto de Cultura da Amazônia (Culta), com co-realização da Secretaria de Estado de Cultura do Pará (Secult)



“Não Sei qual Cidade se Passa aos Olhos Dele” está entre os longas FOTO: PAULA MELO / DIVULGAÇÃO

Momento político serve de inspiração

Para Felipe Pamplona, o audiovisual tem o poder - e documentário mais ainda - de refletir de alguma forma o momento político e estético que o Brasil está vivendo e, durante a seleção, ele percebeu que as temáticas abordadas em muitos documentários estavam ligadas a territórios, a questões do corpo, como elemento político e estético, e relacionadas à própria imagem.

“Os curtas e médias têm historicamente esse compromisso muito mais livre e experimental, voltado muito mais para indagação plástica e sensorial. Eles refletem muito esse momento que o Brasil está vivendo, por exemplo”, destacou. Segundo Felipe, entre os inscritos “havia muitos filmes que debatiam a questão do corpo para indagar questões relacionadas à identidade, afeto, território, políticas públicas. Uma quantidade grande de filmes relacionada à temá-

ca LGBT e trans, muitos filmes relacionados à questão do negro, além da questão do território e da família foram trabalhados nos mais diversos formatos”.

Outra característica que chamou a atenção dos avaliadores foi a forte presença da entrevista como ferramenta. “Ela é um dos pilares do documentário e no cinema brasileiro se afirmou historicamente mais ainda como um dos elementos centrais. Então, nessa edição dá para perceber a entrevista mais clássica no formato jornalístico, uma entrevista mais conduzida onde, em alguns momentos, o realizador quer comprovar uma tese ou conduzir a entrevista para um determinado caminho. Mas também existem entrevistas em que o próprio personagem se entrevista, onde o personagem está muito mais livre para colocar o seu corpo no vídeo, para se perguntar e indagar. Esse é um dos

vários elementos que a gente identificou”, diz.

A liberdade estética advinda de plataformas como o YouTube, dispositivos móveis, o chamado “cinema vertical”, da imagem mais vulgar e consumida de forma imediata, sem preocupação de produção, feita para consumir e ser descartada, também esteve presente em alguns trabalhos. “Uma coisa que ficou claro para gente é que existe um pensamento e uma estética do youtuber, que é essa imagem mais vulgar e mais imediata, é o excesso do selfie como um autorretrato contemporâneo e como esse autorretrato, como esse corpo se coloca no mundo e se conecta principalmente via internet”, finaliza.

SAIBA MAIS

amazoniadoc.com.br

30 ABRIL
VÉSP. FERIADO

MARINE
CLUBE

99 FM
Samba no Flego

FESTIVAL
DE
SAMBA

SORRISO
MAROTO

MUMUZINHO

NOSSO TOM | I LOVE PAGODE

INF: 3232-1026 / 3230-3074 / 98881-5202